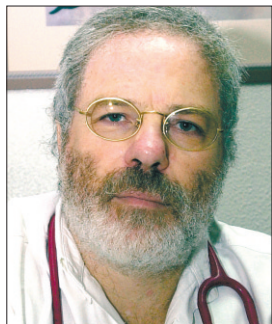


O DIÁRIO DO ZEZINHO (16)

— A Varicela



MANUEL PEDRO FREITAS *

A vacina da varicela não faz parte do Plano Regional de Vacinação, mas ela já existe nas farmácias. É preparada a partir de vírus atenuados, ou seja, vírus da varicela-zoster que “levam um enxerto de porrada para ficarem tontos e impotentes” e é recomendada após o primeiro ano de idade numa única dose.

Desde que fui para o infantário, a minha vida tem sido um autêntico inferno. Durante várias semanas, andei ranhoso, depois tive diarreia, apanhei piolhos e agora é a vez de ter varicela.

Criança sofre!

Então não é que, há dias, a educadora lá do infantário onde os meus pais me depositam de segunda a sexta-feira, depois de me olhar fixamente durante algum tempo, se atirou a mim e desatou a tirar-me a roupa e a remexer os meus cabelos? A princípio, ainda me vieram à cabeça maus pensamentos, mas depois de alguns segundos, o tempo suficiente para arrefecer a mente, logo pensei: Querem ver que tenho, outra vez, piolhos!?

Só faltava esta agora, assistir à reposição do filme dos piolhos: esfrega e revista diária, e a pente fino, da minha cabeça!

Depois de procurar, de catar e de chamar outra colega para confirmar, finalmente fez-se luz. Varicela, gritou a educadora. O Zezinho tem varicela!

Ainda bem que não são piolhos, pensei eu, sem saber pelo que teria de passar. Antes fossem!

O que é certo é que, em menos tempo que o diabo esfrega um olho, fui isolado dos meus companheiros de cela, ou seja, de sala, como se fosse um criminoso ou tivesse peste e, também, em pouco menos de uma hora, transportado pelo meu pai, que havia sido chamado de urgência, já estava a caminho de casa, com a recomendação de só voltar quando estivesse curado e com declaração do médico a confirmar essa cura.

À minha espera, já estava minha avó, que depois de uma primeira observação lá fez o seu diagnóstico: Isto são “bexigas loucas” e demoram três dias a sair e três a recolher.

“Bexigas loucas”? Afinal, quem tem razão: a minha educadora ou a minha avó?

Independentemente do nome que inventaram para a minha nova doença, comecei a sentir uma comichão dos diabos, tanto na cabeça como na barriga, o que não passou despercebido à minha avó, que logo foi buscar uma tesoura e começou a cortar-me as unhas. Não percebendo a relação entre a minha doença e esta técnica terapêutica, lá pensei: A velha deve estar louca, deve andar outra vez com “uma telha corrida”, o que não era para admirar, dada a sua avançada idade.

Colocada ao corrente, minha mãe também não tardou a chegar a casa e logo me levou ao médico.

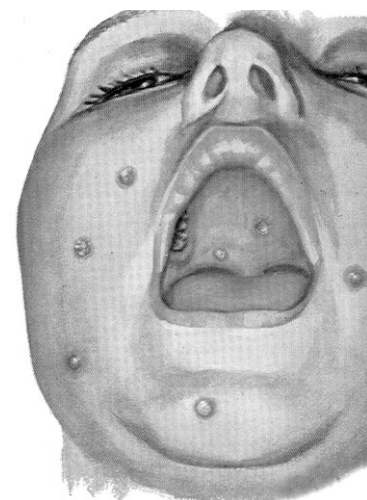
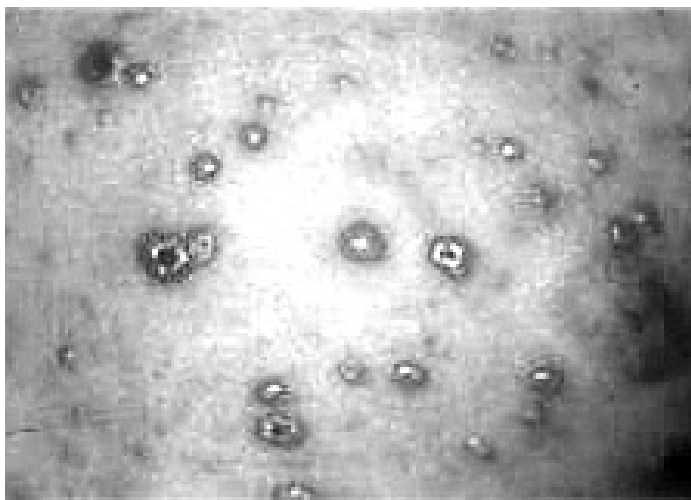
Quando entrei no consultório, fiquei lixado e com vontade de voltar para trás. Então não é que ele me chamou de piolho! Ainda estive para responder: Piolho és tu, seu velho de mer., mas depois contive-me.

Depois de me observar, o pediatra confirmou tanto o diagnóstico da educadora como o da minha avó. Eu, afinal, tinha mesmo varicela ou “bexigas loucas”, como era popularmente conhecida.

Segundo o pediatra, a varicela é uma doença infecciosa, altamente contagiosa, causada por um vírus chamado Varicela-Zoster. Ocorre, sobretudo, no fim do Inverno/princípio da Primavera e as crianças são as mais afectadas.

O vírus transmite-se desde as pessoas infectadas para as não infectadas através de gotículas de saliva ou por contacto com as lesões cutâneas da varicela. Por este facto, é compreensível que, em espaços fechados com muitas crianças, como são os infantários e as creches, quando surge alguém com varicela, as probabilidades dessa infecção se transmitir às restantes crianças sejam muito grandes.

O período de transmissão ou de contágio do vírus inicia-se 24 a 48 horas antes do surgimento das lesões da pele (numa altura em que a doença ainda não é visível e por isso impossível de prevenir), prolongando-se até que todas as vesículas tenham



desenvolvido crostas.

Depois de se ter verificado o contacto e a transmissão do vírus, a doença demorará cerca de duas a três semanas a desenvolver-se.

Uma vez no organismo, os vírus começam a reproduzir-se, invadem a corrente sanguínea e são transportados por ela até à pele e às mucosas, produzindo pequenas pápulas avermelhadas com prurido intenso que evoluem rapidamente para pequenas vesículas inicialmente com líquido cristalino, mas que depois acaba por se turvar. As vesículas, posteriormente, retraem-se no centro e inicia-se a formação de uma crosta. As lesões da varicela, cuja evolução da fase de pápula a crosta demora cerca de três dias, surgem em “surto” independentes, o que faz com que existam, no mesmo indivíduo, lesões em variados estádios evolutivos, sendo este achado um dos mais importantes para a confirmação do diagnóstico.

Raramente, a não ser nos adultos ou em situações de complicação, a varicela decorre com febre elevada ou significativo mal-estar.

Tratando-se, na maior parte das vezes, de uma doença benigna, a cura fica à responsabilidade dos mecanismos de defesa do próprio organismo, cabendo ao médico unicamente uma intervenção no alívio do prurido, na recomendação de alguns cuidados ou, caso se pretenda reduzir a gravidade e o tempo de duração da doença, mediante a utilização de um antiviral ou de um anticorpo específico contra o vírus.

As grávidas, os recém-nascidos e os imunodeficientes constituem grupos particulares, em que, perante uma situação de contágio ou doença, deverão ser implementados cuidados especiais.

Depois deste paleo científico todo, o pediatra diria à minha mãe para não se preocupar, pois tudo iria correr bem. As bolhinhas de água iriam continuar a aparecer durante pelo menos três dias e depois iriam secar, o que demoraria mais três a quatro dias. Afinal, a velhota tinha razão: Três dias a sair e três dias a recolher!

Em princípio, não iria ter febre e, se a tivesse, não seria muito alta. Aquilo que se iria intensificar era a comichão. Para isso prescreveu-me um antipruriginoso que me dava uma “ganza” dos diabos e recomendou o corte das unhas (o que a velha lá de casa já tinha feito) e lavagem das mãos, para que, em caso de muita comichão, ao coçar, não rebentasse e não infectasse as lesões e pudesse diminuir o risco de cicatrizes.

Proibiu-me de ir à escola ou de frequentar espaços públicos fechados, a fim de evitar o contágio de outras pessoas.

Em caso de febre ou desconforto, proibiu o uso de aspirina ou ácido acetilsalicílico.

Porque, para além de atingir a pele de todo o corpo,

também poderia ser afectada a mucosa da boca, com dificuldade de alimentação, nesta situação dever-me-iam ser dadas bebidas frias e alimentos moles e fáceis de engolir, evitando tudo o que fosse ácido, como sumo de laranja, etc. Também porque os genitais, ou seja, a pele da minha simbologia de macho, poderiam ser atingidos, a minha mãe não deveria esquecer que a urina e as fezes sobre estas lesões poderiam causar grande ardor e dor e por isso não deveria esquecer a aplicação de um creme. Já me esquecia de dizer, ainda sou pequenino e uso fralda.

O banho regular deveria ser feito, mas sem o “esfreganço” habitual, para não rebentar as vesículas.

Respondendo à pergunta da minha mãe sobre a necessidade das pinturas de índio, tão frequentes nestas situações, o pediatra diria que não se justificava, o que não invalidava a aplicação de um desinfectante.

Ao longo de três ou quatro dias, não imaginam o que sofri. Fiquei cheio de bexigas que nem um bicho, fartei-me de ter comichão e de levar palmadas, quando me apanhavam a coçar. Indo contra as recomendações do médico pintaram-me todo de vermelho, fiquei em “prisão domiciliária” durante sete dias, enfim, pensando bem, melhor teria sido ter piolhos.

Como era possível que, com tantas vacinas que levei, ainda não estivesse protegido contra esta doença?

A resposta para esta dúvida, ouvi-a numa conversa de bilhardice, ao telefone, entre minha mãe e uma amiga dela.

Afinal, a vacina da varicela não faz parte do Plano Regional de Vacinação, mas ela já existe nas farmácias. É preparada a partir de vírus atenuados, ou seja, vírus da varicela-zoster que “levam um enxerto de porrada para ficarem tontos e impotentes” e é recomendada após o primeiro ano de idade numa única dose. Contudo, apesar de protegerem contra a varicela e evitarem formas graves desta doença, nalguns casos, tal como acontece com outras vacinas, podem provocar uma erupção cutânea semelhante à varicela (em geral menos de 50 lesões), febre e reacções passageiras.

Ainda bem que não levei a vacina. Imaginam que a tinha apanhado e tinha desenvolvido a tal reacção. Sofria com a picada e passava pelo que passei. ■

* Pediatra

Nota: Este texto é um excerto do relato da vida do Zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses, decidiu, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever incumbiu essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho, 5 de Julho, 2 de Agosto, 6 de Setembro, 4 de Outubro, 1 de Novembro, 6 de Dezembro, 3 de Janeiro de 2004, 7 de Fevereiro, 6 de Março e 4 de Dezembro) foram publicadas as peripécias por que tem passado desde o nascimento.